

Herói nacional? Ronaldo Nazária Copa do Mundo de 2002 sob a ótica de *Veja* e *Placar*¹

Victor Rolemberg França de Abreu ROCHA²
Michele da Silva TAVARES³

Resumo

Este artigo é fruto dos resultados obtidos a partir do Trabalho de Conclusão de Curso, no qual apresentamos uma reflexão sobre a maneira que a trajetória do jogador de futebol Ronaldo Nazário é abordada pelas revistas *Veja* e *Placar*, considerando como cenário a Copa do Mundo de 2002. Observou-se como as revistas se apoiam no carisma e em aspectos da história de vida e da trajetória profissional do jogador, sugerindo um status de herói esportivo nacional na narrativa jornalística. Utilizou-se como metodologia a análise de conteúdo e noções da análise da narrativa, para comparar a coberturas das duas revistas. O estudo verifica quais aspectos da história de Ronaldo e se aproximam dos passos da Jornada do Herói, um dos referenciais teóricos deste estudo.

Palavras-chave: Futebol; Herói; Copa do Mundo; Jornalismo; Revista.

1. Introdução

Um dos principais fatores responsáveis pela propagação e adoção de um esporte pela população de um país é a existência de grandes ídolos. No Brasil, o esporte mais popular é o futebol e são inúmeros os nomes que se destacam. Existem aqueles idolatrados apenas pela torcida do clube que defendeu, mas há também os que pertencem a um grupo mais restrito: quando são admirados por grande parte da população do país, por terem sido importantes na Seleção Brasileira em uma Copa do Mundo, quando o futebol passa a ser assistido até pelas pessoas que não acompanham o esporte de maneira tão assídua em outros momentos. Assim, tendo o entendimento da importância da Copa do Mundo no Brasil, será que a convergência entre o protagonismo em uma das maiores competições esportivas do mundo, o carisma e a história de vida podem transformar um atleta em herói esportivo nacional?

Em um país cuja seleção de futebol é pentacampeã do mundo, e que nesses cinco títulos contou com jogadores de destaque perante a torcida, o leque de possíveis heróis no

¹Trabalho submetido ao Intercom Junior 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

²Graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe, email: victorfranca_15@hotmail.com

³Jornalista. Doutora em Comunicação Social, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: micheletavaresjor@yahoo.com.br

esporte é amplo. Desse modo, a seleção do atleta foco desse artigo foi resumida ao cenário da Copa recente mais importante para o Brasil, que foi em 2002, na Coreia do Sul e no Japão, onde a Seleção Brasileira foi campeã pela última vez. Assim, o personagem selecionado para ter sua narrativa analisada, a partir do enfoque dado pelas reportagens de *Veja* e *Placar*, foi o jogador Ronaldo Nazário (Fenômeno). A escolha foi baseada em toda a história de superação que esteve presente em sua carreira, e por ser o jogador que atraía mais atenção dos torcedores, e da mídia em geral.

Em relação às revistas, a escolha de *Veja* deu-se por se tratar da revista de maior circulação no Brasil, e a predileção por *Placar* explica-se por ser a principal publicação especializada em esporte do país. Cabe ressaltar que este artigo é um recorte da monografia⁴, na qual apresentamos uma análise mais ampla e com mais um personagem foco.

2. A Jornada do Herói e o jornalismo: aproximações

A Jornada do Herói, teoria desenvolvida por Joseph Campbell em *O herói de mil faces* (1949), analisa como se dá a caminhada do herói clássico em busca da glória maior. Ele defende que todas as histórias são conduzidas por uma linha de pensamento que se assemelham. De acordo com Campbell (1949), o herói mitológico, em sua vida cotidiana a priori, é atraído ou se encaminha voluntariamente para o começo da aventura. Para ingressar no novo mundo (onde sua trajetória vai acontecer), o herói se depara com uma força sombria, que ele deve derrotá-la, chegar a um acordo com ela, ou até ser morto e seguir assim. Já dentro do universo onde predominam forças desconhecidas, o herói enfrenta desafios, e conhece aqueles aliados que lhe ajudarão em sua trajetória. Nos momentos finais de sua jornada, o herói passa pela provação máxima e conquista sua devida recompensa. Segundo Campbell (1949), esse prêmio pode ser:

[...] representado pela união sexual com a deusa-mãe (casamento sagrado), pelo reconhecimento por parte do pai-criador (sintonia com o pai), pela sua própria divinização (apoteose) ou, mais uma vez se as forças se tiverem mantido hostis a ele -, pelo roubo, por parte do herói, da bênção que ele foi buscar (rapto da noiva, roubo do fogo); intrinsecamente, trata-se de uma expansão da consciência e, por conseguinte, do ser (iluminação, transfiguração, libertação) [...]. (CAMPBELL, 1949, p. 137)

Ao final, o herói deve retornar às suas origens, trazendo o elixir para restaurar o seu mundo. Assim, Campbell (1949) explica que o herói, não importa qual seja a história, vai

⁴Monografia: Heróis nacionais? Ronaldo e Neymar nas Copas do Mundo de 2002 e 2014 sob a ótica de *Veja* e *Placar*.

ter que superar essas etapas, e mesmo que elas apresentem pequenas diferenças de uma para outra, terão o mesmo objetivo e propósito. O percurso do herói proposto por Campbell contém 17 etapas.

Partindo da teoria de Joseph Campbell, alguns autores adaptaram a estrutura mítica para suas respectivas áreas de atuação. Christopher Vogler, consultor de roteiros de Hollywood, desenvolveu um memorando de sete páginas para os estúdios Walt Disney em que explicava a ideia proposta por Campbell (1949), a partir de filmes. O memorando, antes nomeado como “Guia Prático de O Herói de Mil Faces”, foi aperfeiçoado e publicado como livro, chamado de “A Jornada do Escritor: Estruturas Míticas para Escritores”. Vogler (1998) simplificou a jornada para 12 etapas.

A Jornada do Herói também está presente em trabalhos na área do jornalismo. Já no final da década de 90, o professor e pesquisador Edvaldo Pereira Lima associou a jornada do herói clássico com o seu trabalho de Jornalismo Literário Avançado⁵. No caso de Pereira Lima, são oito etapas, nas quais servem como suporte na abordagem de histórias de vida. Porque apesar de haver diferenças em relação à cultura e o tempo em questão, a Jornada do Herói apresenta um padrão de personagem que pode ser adaptado em um âmbito muito amplo, não se limitando a um só local. E outro exemplo no campo jornalístico, foi proposto por Monica Martinez, no livro “A Jornada do Herói: estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo”. A proposta de Martinez (2008) foi combinar as estruturas desenvolvidas pelos outros três autores citados, e estabelecê-las em 12 passos. A partir disso, é verificado quais das 12 etapas estão presentes na vida de determinados personagens. Segundo Martinez (2008), a Jornada do Herói é útil como método no intuito “de resgatar a humanização perdida nos textos jornalísticos.” (MARTINEZ, 2008, p. 40).

Para efeito de comparação, apresenta-se a seguir a síntese das etapas da jornada do herói segundo os quatro autores (Quadro 1) e suas respectivas adaptações:

Quadro 1: Etapas da Jornada do Herói sob diversos pontos de vista

O herói de mil faces, de Joseph Campbell	Jornada do escritor, de Vogler	Jornada do herói, de Pereira Lima	Jornada do herói, de M. Martinez
--	--------------------------------	-----------------------------------	----------------------------------

⁵ O texto “Histórias de vida em Jornalismo Literário Avançado”, em que Edvaldo Pereira Lima faz menção à jornada do herói, está disponível no portal da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), coordenada pelo autor. O texto foi publicado originalmente na Revista Comunicarte (CLC/PUC Campinas), v.19, n°25, porém utilizamos a versão disponível no portal mencionado. Disponível em: <http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/pos-graduacao/memoria-portal-abjl/179-historias-de-vida-em-jornalismo-literario-avancado>

(17 etapas)	(12 etapas)	(8 etapas)	(12 etapas)
Partida, separação	Primeiro ato	Partida	Partida
	Mundo comum	Cotidiano	Cotidiano
Chamada à aventura	Chamada à aventura	Chamada à aventura	Chamada à aventura
Recusa do chamado	Recusa do chamado	Recusa	Recusa
Ajuda sobrenatural	Encontro com o mentor		
Travessia do primeiro limiar	Travessia do primeiro limiar	Desafios	Travessia do primeiro limiar
Barriga da baleia		Caverna profunda	
Descida, iniciação, penetração	Segundo ato	-	Iniciação
Estrada de provas	Testes, aliados, inimigos	Testes	Testes, aliados, inimigos
	Aproximação da caverna oculta		
Encontro com a deusa	Provação suprema		Caverna profunda
A mulher como tentação			Provação suprema
Sintonia com o pai			Encontro com a deusa
A grande conquista	Recompensa	Recompensa	Recompensa
Retorno	Terceiro ato	-	Retorno
Recusa do retorno	Caminho de volta		Caminho de volta
Voo mágico			
Resgate de dentro			
Travessia do limiar			
Retorno			
Senhor de dois mundos	Ressurreição		Ressurreição
Liberdade para viver	Retorno com o elixir	Retorno	Retorno com o elixir

(Fonte: Atualizada pelo autor, a partir de Martinez, 2008, p. 64).

Neste trabalho, entende-se que essa maneira de construção de narrativa em textos literários, míticos e cinematográficos, também pode ser aplicada e analisada em textos jornalísticos, uma vez que as reportagens abordam as histórias de vida desses atletas, as trajetórias profissionais, seus dramas e superações. Os autores Helal, Lisboa e Mostaro (2014) já haviam utilizado a trajetória do herói clássico para entender as narrativas sobre Neymar antes da Copa do Mundo de 2014. Desse modo, este artigo utiliza os mesmos

preceitos para verificar se as revistas relacionaram a ideia de “herói” ao personagem Ronaldo no Mundial de 2014.

Segundo Helal (1998), autores como Edgar Morin (1980) e Joseph Campbell, explicam a diferença entre heróis e celebridades. As ações dos primeiros buscam “redimir a sociedade”, enquanto as celebridades não vivem em prol do coletivo. “O herói tem que cumprir sua missão: conceder dádivas aos seus semelhantes” (HELAL, 1998, p.6-7). Ou como definem:

Esta característica do “ídolo-herói” acaba por transformar o universo do futebol em um terreno extremamente fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade. Dotados de talento e carisma, o que os singulariza e os diferencia dos demais, estes “heróis” são paradigmas dos anseios sociais e através das narrativas de suas trajetórias de vida, uma cultura se expressa e se revela (Helal e Murad, 1995, p. 7).

Segundo Sodré (2009, p.203), “um texto narrativo será aquele em que um agente relate uma história.” Em textos jornalísticos, a história referida será um acontecimento provocado ou vivido por determinado personagem, que não precisa ser necessariamente um humano (pode-se estar relatando a história de um bairro histórico, por exemplo). Mas   importante lembrar que *o acontecimento* está diretamente ligado ao *fato*. Para definir sua compreensão sobre o *fato*, Sodré se baseia na filosofia de Kant:

Os objetos para conceitos cuja realidade objetiva pode ser provada (seja mediante pura razão, seja por experiência, e no primeiro caso a partir dos dados teóricos ou práticos da razão, mas em todos os casos por meio de uma intui o que lhes corresponda) são fatos. (SODRÉ, 2009, p. 28).

Segundo Sodré (2009), uma sequência narrativa possui um esquema básico: “*situa o inicial – complica o – rea o – resolu o – situa o final – avalia o ou moral da história.*” (SODRÉ, 2009, p. 204). A denomina o e o número de etapas de uma sequência narrativa v o sofrer varia o de acordo com o autor. “Trata-se, como em modelos elaborados por outros autores, de um esquema de transforma o de um estado em outro.” (SODRÉ, 2009, p. 204).

Pode-se perceber que   uma estratégia semelhante ao da jornada do herói. Campbell apresenta uma jornada cíclica em que o herói está tendo sua vida normal e regular, mas vai passar por situa es complicadas, atravessar universos, entre outros fatores e que ao final, ele obtém sua recompensa. No esquema narrativo descrito, também há uma situa o inicial, na qual   interrompida e que se desenrola numa série de acontecimentos. Na narrativa

jornalística esclarecida por Sodré, a variada de personagens é ampla. Pode ser um artista, um animal, um político uma personalidade importante famosa, um esportista, entre tantos outros.

3. Procedimentos metodológicos

A análise de conteúdo é um método de grande relevância na pesquisa jornalística. De acordo com Herscovitz (2008, p. 123), “a análise de conteúdo da mídia seria um dos métodos mais eficientes para rastrear esta civilização por sua excelente capacidade de fazer inferências sobre aquilo que ficou impresso ou gravado.”. Herscovitz (2008) propõem a seguinte definição de análise de conteúdo jornalística:

Método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia, a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados, com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formato-os, enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação. (HERSCOVITZ, 2008, p. 124)

No caso deste trabalho, cada uma das doze etapas (da jornada do herói) corresponde a uma categoria no processo de análise do conteúdo, por isso, verificou-se a presença e a ausência de determinada categoria nas reportagens de *Veja* e *Placar*. Somado à análise de conteúdo, utilizou-se uma “noção” da análise da narrativa, porque a jornada desse “herói” é contada (narrada) pelas revistas a partir da sequência de fatos que constituíram a história de Ronaldo na Copa do Mundo.

Segundo Motta (2008), o terceiro movimento da análise pragmática da narrativa jornalística é a construção de personagens jornalísticas (discursivas). No jornalismo, os personagens geralmente são fortemente individualizados e transformados nos alicerces das histórias. Mas o autor ressalta que, na análise da narrativa, o que interessa é como a narrativa jornalística construiu a imagem de determinado personagem, e o que é personagem fez no decorrer dessa narrativa.

4. Ronaldo e a Copa de 2002

Para a análise da revista *Veja* foram selecionadas seis edições, que continham matérias sobre a Copa, publicadas no período do Mundial, além de uma edição especial sobre o título da Seleção Brasileira, lançada em julho de 2002. No trabalho com a *Placar* não foi possível reunir informações da mesma quantidade de publicações como foi feito

com *Veja*. Isso porque a revista esportiva tem periodicidade mensal, enquanto a *Veja* é semanal. Na etapa de coleta e análise das revistas, foram encontradas três edições nas quais nem todas foram no período do Mundial (junho), nem do mesmo ano (uma de 2006), mas que continham matérias e especiais sobre o Pentacampeonato em 2002.

Como pode ser observado no quadro abaixo, há discrepâncias em relação às etapas propostas, e quais delas podem ser identificadas nas duas revistas. Só foram marcadas como “presente” nas revistas, as etapas que podem se relacionar de maneira clara ao que aconteceu com Ronaldo na competição. Neste artigo, escolhemos explicar as etapas que evidenciam de maneira mais clara a adoção de Ronaldo como um “herói nacional”.

Quadro 2: Etapas da Jornada do Herói em *Veja* e *Placar*

Etapas	Revista Veja	Revista Placar
Mundo cotidiano	Presente	Ausente
Chamada à aventura	Ausente	Ausente
Recusa ao chamado	Ausente	Ausente
Encontro com o mentor	Ausente	Presente
Travessia do primeiro limiar	Ausente	Presente
Testes, aliados e inimigos	Presente	Presente
Aproximação da Caverna Oculta	Presente	Presente
Provação	Presente	Presente
Recompensa	Presente	Presente
Caminho de volta	Ausente	Ausente
Ressurreição	Presente	Presente
Retorno com o Elixir	Presente	Ausente

Fonte: Elaborado pelo autor.

✓ Provação

Após a final contra a Alemanha, o momento de maior provação, o técnico Felipão e vários jogadores foram exaltados pela *Veja*. As duas principais estrelas do time, Ronaldo e Rivaldo, foram colocados em níveis diferentes em grau de importância na conquista do título. Porque há uma diferença de importância entre “fundamental para a conquista do penta” e “herói do penta”. A palavra em si, e a relevância do herói em uma narrativa tem um impacto maior. Mesmo tendo participado dos dois gols, Rivaldo não foi aquele que os marcou na final. Esse papel coube a Ronaldo, no qual ainda havia igualado o número de gols de Pelé em Copas, como lembrou a revista.

Figura 1: Visões de *Veja* sobre Rivaldo e Ronaldo.



(Fonte: Revista *Veja*, julho de 2002, págs. 27 e 28)

Em *Placar*, por tudo o que aconteceu na final em 1998 contra a França (Ronaldo sofreu uma convulsão antes da final), era de se esperar que o maior foco fosse em direção a Ronaldo, visto que o desfecho foi completamente diferente do de quatro anos antes. Contudo, na abordagem da revista não há uma eleição clara de “herói do penta”, como ocorreu em *Veja*. Por tudo que ele passou, existe uma exaltação ao atacante ao identificá-lo como “o símbolo desta Seleção”. Mas nada mais do que isso. E nessa mesma edição é lembrada a importância de Rivaldo para o Brasil na Copa, que mesmo ofuscado por Ronaldo devido a vários fatores, foi o jogador mais regular do time e que salvou a equipe em momentos.

Figura 2: Visões de *Placar* sobre Rivaldo e Ronaldo

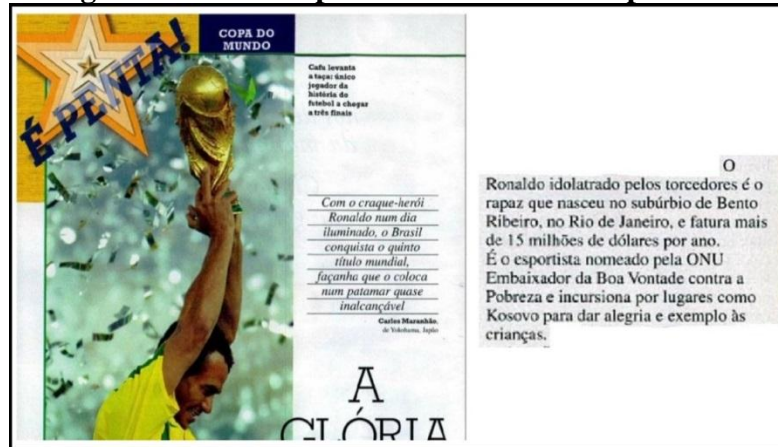


(Fonte: Revista *Placar*, julho de 2002, págs. 8 e 17)

✓ **Recompensa**

Marcar dois gols na final mais importante que um jogador de futebol pode disputar fez a figura de Ronaldo ser alçada pela revista *Veja* como algo maior que um craque. Um craque-herói. Além disso, a publicação dá um panorama do que o jogador conquistou com o futebol.

Figura 3: As recompensas de Ronaldo em palavras



(Fonte: Revista *Veja*, julho de 2002, págs. 12 e 27)

Ser titular na conquista de um título mundial de futebol traz recompensas que não têm prazo de validade. A designação de “herói” é uma delas. Na edição especial de *Placar* em homenagem às cinco conquistas do Brasil em Copas do Mundo, a última página é dedicada a mostrar o que aconteceu com os jogadores titulares e técnicos de cada conquista. De acordo com a revista, os “heróis” de cada campanha vitoriosa. Desde Orlando e Didi, em 1958, até Rivaldo e Ronaldo, em 2002.

Figura 4: *Placar* lista os heróis de todas as conquistas



(Fonte: Revista *Placar*: ano, 2006, pág. 82)

✓ Ressurreição

Na primeira matéria da edição especial do Penta de *Veja*, intitulada de ‘A Glória dos Pentacampeões’, a epopeia de Ronaldo foi descrita em poucas linhas, mas sendo visto como o sucessor de Pelé e “o mais heroico de todos os jogadores que já vestiram a camisa amarela”. Entre o trauma de 1998, as lesões e a Copa de 2002, Ronaldo ressurgiu como o novo herói nacional.

Figura 5: Ronaldo é descrito como um herói nacional

Acima de tudo o Brasil produz craques inigualáveis. Em Yokohama, o rei Pelé dependurou a medalha no pescoço de um legítimo sucessor, Ronaldo Nazário, talvez o mais heróico de todos os jogadores que já vestiram a camisa amarela. Ronaldo foi dado como acabado. Sofreu uma convulsão horas antes da final de 1998 na França, em que o time da casa goleou o Brasil por 3 a 0. Depois viria o pior. O mundo inteiro viu seu joelho se desmanchar diante das câmeras de televisão num jogo do campeonato italiano, em que defendia a Internazionale de Milão. No domingo em Yokohama, Ronaldo fez os dois gols que deram aos brasileiros sua maior alegria esportiva e consagrou-se para sempre como um herói nacional.

16 julho, 2002 VEJA ESPECIAL

(Fonte: Revista *Veja*, julho de 2002, pág. 16)

A ressurreição ligada a Ronaldo também está presente em *Placar*. Novamente, todos os momentos difíceis que ele passou são lembrados, até ressurgir na melhor forma no maior evento do futebol.

Figura 24: A ressurreição de Ronaldo é descrita

Os números conspiravam contra. Duas cirurgias, 17 meses sem disputar jogos oficiais, dois anos sem ser convocado. Tudo indicava que Ronaldo não estaria no Mundial de 2002. Na melhor das hipóteses, se conseguisse o quase milagre de entrar no grupo dos 23, jogaria sem as condições ideais. Felipão no início do ano admitia que gostaria de contar com Ronaldo mais pelo que ele representava do que pelo o que poderia realmente fazer. Os primeiros amistosos mostravam um jogador sem ritmo, sem explosão, um rabisco daquele Ronaldo que foi duas vezes eleito pela Fifa como melhor jogador do planeta. A torcida já estaria satisfeita se o atacante estivesse com 70% da força. Daí a surpresa. Ronaldo começou a Copa habilidoso, veloz e forte. Talvez mais inteligente do que no passado. Os velhos dribles de sempre, as arrancadas que marcaram a sua carreira. E os gols começaram a pingar. O primeiro e importante gol brasileiro da estréia. Ele não teve medo de se esticar todo e botar a bola para dentro da rede turca. Um contra a China, dois contra a Costa Rica e os gols não pararam mais. Ficará para a história das Copas o gol de bico que deu a vitória na semifinal. De todos os fenômenos que Ronaldo Nazário de Lima já tinha protagonizado, o da ressurreição do craque foi o maior de todos.

(Fonte: Revista *Placar*, julho de 2002, pág. 66)

Conclusão

Conclui-se que, no cenário da Copa do Mundo de 2002, as narrativas de *Veja* e *Placar* sobre o personagem Ronaldo o aproximam de uma definição como herói esportivo nacional. Porém, as abordagens de construção de narrativas feitas pelas revistas possuem visíveis diferenças. Enquanto na revista geral de informações, há uma clara rotulação sobre Ronaldo Fenômeno como o grande responsável pela conquista, sendo alçado a um patamar superior aos seus companheiros de equipe, o que conseqüentemente o leva a ser considerado um herói nacional por *Veja*, a estratégia utilizada pela publicação especializada possui um

tom mais conservador. Em *Placar*, percebe-se um maior cuidado em adotar a coletividade como fator fundamental na campanha do Penta, dando maior destaque a dois atletas (Ronaldo e Rivaldo), mas sem a predileção vista em *Veja*. Ainda assim, *Placar* não deixa de utilizar o termo “herói”. A diferença consiste no fato de a revista também denominar todos os outros jogadores que foram titulares nas conquistas da Seleção Brasileira como “heróis”. Desde o primeiro título, em 1958, até o último, em 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENETTI, Marcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: MELLO B., Frederico de; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

CALDAS, Waldenir. **Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro**. Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 41-49, jun/jul/ago. 1994. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/22/06-waldenyr.pdf>>. Acesso em: 20 de julho de 2015.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 1949.

HELAL, Ronaldo. **Mídia, Construção da Derrota e O Mito do Herói**. MotusCorporis (UGF), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998. Disponível em: <<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/mc3addia-construc3a7c3a3o-da-derrota-e-o-mito-do-herc3b3il.pdf>> Acesso em: 29 de julho de 2015.

HELAL, Ronaldo; LISBOA, Fábio Aguiar; MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. Narrativas sobre o jogador Neymar antes do Mundial. In: MARQUES, José Carlos. **A Copa das Copas? Reflexões sobre o Mundial de futebol de 2014 no Brasil**. São Paulo: Edições Ludens, 2014.

HELAL, Ronaldo. **A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro**. Alceu (PUCRJ), Rio de Janeiro, v. 4, n.7, p. 19-36, 2003.

HERSCOVITZ, Heloiza G. Análise de Conteúdo em Jornalismo. In: BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia. **Metodologias de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MALAIA, João. Placar: 1970. In: MELO, Victor Andrade de; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do Herói: a estrutura narrativa na construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: Annablume, 2008.

MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: MELO, Victor Andrade de; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: RelumeDumará/Faperj, 2001.

MESQUITA, Mário. **A personificação jornalística – As ciências da comunicação na viragem do século**. Comunicação e Linguagens. Lisboa: Veja, 2002.

MORIN, Edgar. **As Estrelas de Cinema**. Lisboa: Horizonte, 1980.

MOTTA, L. G. F. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia. **Metodologias de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PUBLIABRIL. **Mídia Kit Revista Veja**. Disponível em: <http://publiabril.abril.com.br/marcas/veja>. Acesso em: 08 de dezembro de 2015.

PUBLIABRIL. **Mídia Kit Revista Placar**. Disponível em: <http://revistaplacar.uol.com.br/> Acesso em: 08 de dezembro de 2015.

RIBEIRO, L. C. **Brasil: Futebol e identidade nacional**. Lecturas Educación Física y Deportes (Buenos Aires), Bueno Aires, v. 56, n.8, p. 1-12, 2003. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm>>. Acesso em: 20 de julho de 2015.

SODRE, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

STYCER, Maurício José. **Jornalismo Esportivo: 110 anos sob pressão** (Uma história de acusações de sensacionalismo, suborno, invenção de notícias e relações promíscuas com fontes e anunciantes). XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, NP Jornalismo. Santos: São Paulo, Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r2356-1.pdf>>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.

TAVARES, O. **Megaeventos Esportivos. Movimento** (UFRGS. Impresso), v. 17, p. 11-35, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/23176/17730>>. Acesso em: 25 de setembro de 2015.

TEIXEIRA DA SILVA, F. C. Futebol: Uma paixão Coletiva. In: TEIXEIRA DA SILVA, F. C.; SANTOS, R. P. **Memória social dos esportes - Futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Ed., FAPERJ, v. 2, 2006.

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

VOGUEL, Daisi. Revista e contemporaneidade: imagens, montagens e suas anacronias. In: MELLO B., Frederico de; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.